

A GUERRA DE PRINCESA E A QUESTÃO DA MEMÓRIA CULTURAL

ARAÚJO, Néelson Barbosa de - UFPB

1. Fundamentação Teórica

No que se refere a uma memória coletiva, mais ligada à identidade cultural, segundo Jélic (2000, p.65), o homem de nosso tempo está sempre enfrentando problemas para identificar-se e este problema está entre a tradição e os valores novos que vão surgindo. De um lado, não se pode perder a tradição, ou seja, a memória construída que resume todos os valores, tanto individuais como coletivos; de outro, as novidades que vão surgindo que precisam ser acrescidas, sobrepostas a esta tradição, de modo que cause uma inovação, que transforme no sentido de atualizar. À parte, hoje nos servem de exemplos várias manifestações culturais que vêm fazendo a *tradução da tradição*. É possível fazer esta leitura sobre as quadrilhas juninas que, antes dançavam apenas por diversão e vestiam trajes matutos que se usavam nos trabalhos rurais agrícolas; hoje, já dançam com roupas bem ornamentadas, selecionadas e combinadas, com espírito de competição. É como um campeonato, disputando o primeiro lugar.

Vale salientar que essa tradução se dá através de um processo que é lento e que procura assimilar todos os valores para que se proceda, com certa harmonia, uma justa adequação. O tempo e o espaço são fundamentais na evolução deste processo. Entretanto, isso tem sido bastante afetado nos últimos tempos devido à ação forçada da globalização. Esta não considera as diferenças culturais de nenhum lugar. Nem mesmo da cultura indígena, cigana, africana, entre outras. É como um rolo compressor que esmaga e irreversivelmente aliena culturas, confunde identidades, desnorteia seguimentos e implanta a ideologia da dominação. Não procuram preservar as aldeias culturais de cada tribo, comunidade, povo ou civilização. O processo da globalização não respeita a tradição das culturas nem o ideal de liberdade, solidariedade e igualdade.

Ainda seguindo o pensamento de Jélic (2000), convém que a identidade se desenvolva em três níveis: pluridimensional, total e particular. Estes níveis têm uma correlação social voltada para uma única visão: viver seguro e melhor. Dessa forma, segundo Jélic (2000, p.65), cada nível tem sua base em uma nova identidade cultural em sentido funcional, simbólico e reprodutivo. A identidade, assim como a cultura, sempre está em posição dicotômica, polarizada pelas elites em confronto com as massas populares.

A identidade pode ser *individual* ou *peçoal* e *coletiva* ou *identificação de sociedade ou família*. A individual trata de o sujeito se vê a si mesmo, é a maneira como opina, o estilo com que analisa as coisas, por si mesmo; já a identidade coletiva tem relação com o *status* social, obrigações, direitos e outras coisas que tocam a sua vida e que criam uma parte de sua identidade. Assim, Jélic (2000, p. 68) opina por uma identidade móvel, transformadora, atenta, que se imunize, para não se perder no tempo e no espaço.

Nesse panorama, Orlandi (2000, p.76) prioriza a questão do autor, onde este é concebido como a instância onde ocorre o maior apagamento do sujeito, o que contribui para a formação da própria identidade. É nessa instância, determinada pela representação social,

(...) que mais se exerce a injunção a um modo de dizer padronizado e institucionalizado no qual se inscreve a responsabilidade do sujeito por aquilo que diz. É da representação do sujeito como autor que mais se cobra sua ilusão de ser origem e fonte de seu discurso. É nessa função que sua relação com a linguagem está mais sujeita ao controle social (ORLANDI, 2000, p. 78).

Nesse entendimento, o autor é um sujeito visível, determinado, portador de clareza no que escolhe para dizer. Dele se exige coerência, respeito pelos padrões linguísticos estabelecidos, unidade, veracidade e conhecimento dos mecanismos discursivos em geral para representar através da linguagem o seu papel na ordem social em que está incluído. Para que um sujeito construa sua identidade e se coloque na condição de autor, faz-se necessário sua relação com sua interioridade e, simultaneamente, com sua exterioridade social. O autor deve ter muita responsabilidade com o que escolhe para dizer e é disciplinado pela escola, tomada como um lugar de reflexões. Faz parte do autor esse disciplinamento escolar para que sua produção tenha os mecanismos de coerência dentro do sistema institucional, em todas as suas dimensões, embora o autor não abra mão de suas experiências de vida adquirida fora da escola. O que diferencia o autor do escritor é que este não depende nunca da escola para ter tal ofício. Não é tarefa específica da escola formar escritores.

2. Análise da cantoria *Princesa ontem e hoje*

Por ocasião dos oitenta anos de emancipação política de Princesa (1921 – 2001), o poeta, Valban Lopes, cantou em público, acompanhado pelo som da viola, à moda da cantoria convencional, um tema sugerido pelo poeta Armando Leite Medeiros sobre a situação de Princesa, antes e depois de trinta. O poeta provou que entendia bem do assunto, vazando em versos decassilábicos a glosa do mote constante nos dois últimos versos:

Princesa Isabel já foi bravura
No cenário internacional
Território a nível federal
Conhecido na sua conjuntura
Pecuária, minério, agricultura
Fez de um povo a maior sociedade
Teve um líder de genialidade
Que hoje o nome é a única referência
Que política de subserviência
Escondeu a história da cidade¹

Nesse caso, o poeta se refere à revista Times, dos Estados Unidos da América do Norte², quando publicou longa matéria sobre a guerra de Princesa, destacando a força desses sertanejos. Em seguida, lamenta o desperdício dessa força, articulado pelos descasos políticos e demais erros e desrespeito a esse povo. Até as marcas de fixação da memória já foram destruídas. Nesse caso, o poeta, ao invés de dez, utiliza sete sílabas,

¹ Cantoria oral inédita.

² Ver anexo nº 01.

sugerindo a rapidez da destruição, e mantém os dez pés, mas quebra o esquema rimático, para interferir no desprezo invocado:

A estátua de Zé Pereira
Parece ser de um escravo
De célebre político bravo
Ninguém ta mais se lembrando
Não se passam nem um pano
Não aparece um sujeito
Pra zelar do seu direito
De quem brigou pela cidade
Mais hoje na eternidade
Princesa é do mesmo jeito³

Conforme as reportagens nº 03, 04, 05, 06, 07, 08 (anexas), referentes à destruição do material do museu, à Rodoviária e ao Hotel Princesa, como também aos açudes Ibiapina, Macapá e Maia, anexas a este trabalho, integrantes do patrimônio público do município, percebe-se que o que motivou o poeta a denunciar e impor a sua revolta. Esse eco equivale à voz popular ao ser atacada em seus valores identitários, que, para desespero dos ouvintes, apenas o poeta percebe, no entanto, este é tão pouco ouvido, numa terra em que a cantoria foi atirada à força contra os escombros desses patrimônios destruídos. Sob os aplausos intensos do público presente, o poeta evoca a memória para cantar com a alma a fúria do povo: povo!:

Nossas praças já foram demolidas
Afastaram Epitácio⁴ do lugar
De Zé Pereira arrancaram o crachá
E encontraram-lhe as placas escondidas
De tão velhas já estão encardidas
Já não é mais possível ler direito
Isso é trágico, é notório, eu não aceito!
Nossa igreja tombou na sutileza
Enfocaram no chão nossa Princesa
E com certeza ainda ta do mesmo jeito⁵.

Com tanta memória, o poeta não se esqueceria do marco inicial que emprestou seu nome de batismo à Princesa, quando ainda era criança. É com inspiração telúrica e propósito de justiça que o enunciador discursa em tom alto, no extenso fôlego de uma estrofe inteira para atravessar a Lagoa inexpugnável dos antigos *Marcos*, como se fosse engarrifar uma mensagem para os naufragos do futuro:

A lagoa aterrou na ingratidão
No início de seu manancial
Destruíram o acervo cultural
E o nome da velha perdição
Jabotis que moravam no porão

³ Cantoria inédita.

⁴ O poeta se refere à estátua erguida em 1915 por José Pereira, em homenagem a Epitácio Pessoa, seu amigo.

⁵ Cantoria inédita.

Se extinguiram nas águas poluídas
Suas árvores tombaram sem medidas
Sem licença e sem ordem do IBAMA
E sua seiva escorria pela lama
Na chacina maior de suas vidas⁶.

As perdas da memória foram irreparáveis, em contraste com a efemeridade do tempo. Mais uma vez, o poeta contempla a cidade, em seu tempo, como um cego sem o guia, um cão sem dono, onde o dono seria coletivo de seu povo. E este é representado por seus líderes, que são inexistentes no entendimento do cantor. Nos primeiros versos da próxima estrofe, o nome do folclorista e carnavalesco Joaquim Gomes, que resistiu até onde foi possível, até que a idade pesou, dobrou-se e morreu com mais de noventa anos. A profissão desse artista princesense era contar as memórias da cidade, ao longo do tempo. Mas aquilo que contava não foi registrado, porque o poder público não deu importância. Este considerava que se tratava apenas de um humilde agricultor de subsistência, cujas palavras não atraíam dinheiro. Enquanto Joaquim Gomes aticava seus feitos, apressado pelo tempo, os administradores dormiam e vegetavam. Esse paradoxo reflete como um lampejo no alerta que o poeta faz, no sentido de evitar o caos, qual Noé, quando preparava a Arca:

Joaquim Gomes viveu e construiu
E manteve um acervo cultural
Um retrato, um recorte de jornal
Revelava a história do Brasil
Território de trinta que surgiu
Sua história contava com respeito
Viveu tanto que aí não teve jeito
Envergonhou-se nos braços da idade
Em seguida desceu a eternidade
E Princesa ainda está do mesmo jeito⁷

Na estrofe seguinte, o cantador se dirige ao marco civilizatório mais original daquela terra: a casa de pedras de Dona Natália do Espírito Santo. Era uma casa grande que se conservou apenas na oralidade. No entanto, não ficaram fotos, nem pinturas dela, apesar da imponência e beleza que tinha, segundo constam os depoimentos orais dos que conheceram essa casa de fazenda. Em entrevista com os proprietários que construíram uma nova residência nos alicerces dela, estes falaram ter encontrado uma machada esculpida em pedra. Contam esses moradores que os antigos donos derrubaram a casa de pedra porque a prefeitura não quis comprá-la para ser incluída no Patrimônio Histórico e Cultural do município. Então o poeta lamenta a perda da raiz principal da memória da cidade e usa, para tanto, o verbo aterrar, na intimidade da linguagem do seu povo, para ser melhor ouvido o seu grito de cantador. O termo pagode, empregado para designar a música que ali é ouvida na atualidade, contrapõe com o bom baião, as marchinhas, os xotes e os chorinhos do velho princesense Francisco Soares, o Canhoto da Paraíba, que ainda estremece nas partituras do herdeiro Laurindo. Novamente, um paradoxo se ergue: o profundo versus o raso; o escavamento versus o aterramento; a importância x a banalidade. Não apenas aterramento e

⁶ Idem.

⁷ Cantoria inédita.

banalidade como algo sem utilidade, mas por esmagar o tesouro humano de um povo: a memória, onde se acha a identidade:

Quando nossa princesa começou
A estrela brilhava todo dia
Onde dona Natália ali vivia
Sua história também se confirmou
Tudo ali construiu com muito amor
Um terreiro, uma casa, uma cancela
Um retrato de um santo e uma panela
Destruíram por pura vaidade
Aterraram a história da cidade
E hoje fazem pagode em cima dela⁸

REFERÊNCIAS

- CAMINHA, Inês Lopes Rodrigues. **A Revolta de Princesa**. “A União” Cia Editora: João Pessoa, 1978.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.
- INOJOSA, Joaquim. **República de Princesa (José Pereira x João Pessoa – 1930)**. Civilização brasileira. Rio de Janeiro, 1980.
- JÉLIC, Jordan. Sobre la identidad. In: LEMOS, M. T.T.B; MORAES, N. A. de; PARENTE, P. A. L. (Org.). **Memória e Identidade**. Letras, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al]. 4. ed. Editora da Unicamp: Campinas, 1996.
- MARIANO, Paulo. **Princesa: antes de depois de 30**. Empresas Gráficas do Nordeste: João Pessoa, 1991.
- _____. **Achados de Perdição**. João Pessoa: ideia, 1994.
- MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. Signos em confronto: o arcaico e o moderno na Princesa (PB) dos anos vinte. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós-graduação em História. UFPB, João Pessoa, 1999.
- MELO, Fernando. **João Pessoa: uma biografia**. 2.ed. Idéia: João Pessoa, 2000.
- _____. **João Dantas: uma biografia**. 2 ed. Idéia: João Pessoa, 2002.
- NÓBREGA, Francisco Pereira. **Vingança, não**. 4 ed. Idéia: João Pessoa, 2002.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. Cortez: São Paulo, 1999.

⁸ Cantoria inédita.